


PAULO FREIRE – UM PEDAGOGISTA E FILÓSOFO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.643132408114>

Data de aceite: 13/11/2024

Cherry Terra Reis

Possui graduação em Educação Física pelo Claretiano Centro Universitário(2024), graduação em Pedagogia pela Faculdade Roraimense de Ensino Superior FARES(2014) e especialização em Educação Especial pelo Claretiano Centro Universitário(2022). Atualmente é Professor da Prefeitura Municipal de Boa Vista e mestrandia em educação no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) na UFRR

Sebastião Monteiro Oliveira

Professor Associado, possui graduação em Pedagogia com Habilitação Administração Escolar pela Universidade Federal do Amazonas (1987) com registro no MEC N. 008/94 - AM. ORCID -<https://orcid.org/0000-0002-1351-1278>. Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas em dezembro de (2004). Doutor em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) em abril de 2016. Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (2021). Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal de Roraima. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos e História da Educação. É Líder do Grupo de Pesquisa Paulo Freire e Educação de

Adultos na Amazônia Setentrional. É editor Adjunto da Revista Educação, Pesquisa e Inclusão do PPGE da UFRR. Também é membro do Núcleo de Pesquisas Eleitorais da Amazônia(NUPEPA), professor do Programa de Pós Graduação no Mestrado Profissional em Inclusão (PROFEI), na Universidade Federal de Roraima e colaborador do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) na UFRR

INTRODUÇÃO

A educação do país, atualmente, está organizada em Educação Básica e Educação Superior, e nesses dois níveis de ensino do sistema educacional brasileiro se faz presente o autor Paulo Freire, pois sua obra é voltada para a educação. O autor acredita que por meio da educação é possível transformar o ser humano e a sua sociedade. Por ser um grande alfabetizador, ele é reconhecido pelo processo de alfabetizar e letrar, e por fazer isso de maneira crítica e emancipadora, encaixa-se perfeitamente nas grades curriculares de muitos cursos de nível superior.

Em vista disso, e considerando o contexto histórico do Brasil como um país colonizado, ainda que agora uma república independente, é essencial buscar a própria identidade com métodos educacionais que atendam à demanda de desenvolver certas habilidades curriculares. Além disso, é importante formar cidadãos letrados, valorizando e reconhecendo sua cultura e especificidades, descolonizando-se e emancipando-se para o mundo.

Essa pesquisa se justifica por se tratar de um autor reconhecido internacionalmente, suas obras foram editadas em várias línguas. Ele viveu e trabalhou uma parte de sua vida fora do Brasil, retornando após a anistia promovida pelo governo militar, produzindo suas teorias e métodos durante o período em que viveu no exílio durante a ditadura militar, além de fazer parte oficialmente das grades curriculares de cursos de licenciatura nas instituições de nível superior, logo, nada mais justo que utilizar o autor como fonte de pesquisa e formação.

Socialmente falando, Paulo Freire tem como objetivo principal alfabetizar seres humanos de maneira humanizadora e emancipadora. Ao transformar uma sociedade por meio da emancipação dos sujeitos, ela se torna repleta de criticidade, com indivíduos que se posicionam de maneira assertiva diante do mundo ao seu redor. Consequentemente, constroem uma nação fortalecida que busca sua melhora e reconhecimento. Isso representa um ato de descolonizar um povo que se sente oprimido por um sistema capitalista e colonizador.

Na construção deste trabalho, utilizaremos obras do autor, livros e história de vida pessoal, bem como um pouco da história da educação narrada pelo Congresso Nacional de 1958, o qual nos trará uma análise bibliográfica como método para se alcançar o objetivo dessa produção de maneira fundamentada, seguindo a linha do tempo da educação, a vida do autor e suas produções como roteiro.

Buscando compreender como o autor contribui para a educação do nosso país como objetivo principal, seguindo um pensamento analítico crítico entre o que a educação do Brasil almeja e o que o autor tem como objetivo, se atende às necessidades acadêmicas, então, iremos buscar responder a seguinte pergunta/problema: Como Paulo Freire contribui com a educação do Brasil?

PAULO FREIRE E SUA HISTÓRIA NO BRASIL: UMA BREVE REFLEXÃO

É preciso conhecer um pouco da história de Paulo Freire para então adentrar em suas obras, é preciso compreender onde, em que época e o contexto que um teórico viveu para se aprofundar na compreensão do seu olhar para a epistemologia que ele acredita.

1. O retorno de Paulo Freire ocorreu em 7 de agosto de 1979, depois de viver 15 anos no exílio, seu retorno só foi possível porque foi beneficiado pela Lei da Anistia da ditadura Militar, por crimes por ele nunca cometidos.

Nascido em Recife no dia 19 de setembro de 1921, filho de um militar e uma dona de casa, tinha três irmãos mais velhos, uma vida simples, na qual iniciou seu processo de alfabetização no chão da sua casa, com o auxílio dos pais e um graveto. Foram eles que o iniciaram nesse mundo de aprendizagem e quando finalmente passou a frequentar a escola regular, Paulo Freire já havia iniciado em casa o seu processo de alfabetização.

Posteriormente, aos 13 anos de idade, seu pai, que era o provedor da família, falece, e com a sua ausência toda a família migra para Jaboatão. A mãe e quatro filhos passam por uma fase difícil em uma cidade nova e agora sem dinheiro. O autor conta que chegam a passar fome, ao ponto de todos ficarem magros.

Ele conta que chegaram a comer a galinha do vizinho, uma galinha que fugiu do quintal e foi parar no quintal deles, e quando viram a galinha tiveram que escolher entre devolver e serem honestos, ou matar a galinha para comer e saciar a fome que os maltratava a tempos. Foi uma questão de sobrevivência, mas marcou sua alma, pois senti tristeza em suas palavras ao descrever tal fato, afinal de contas, ele era apenas um menino e sua mãe não tinha opção naquele momento.

Depois, seus irmãos mais velhos saem em busca de trabalho para ajudarem no sustento da família, e ele, por ser o mais novo, recai-lhe a obrigação de estudar nessa fase. Mais adiante, Paulo Freire vai estudar na escola Osvaldo Cruz, onde inicia seu apreço pela docência e paixão pela Língua Portuguesa. Nesse período ele atua como professor durante dois anos dessa disciplina.

O autor descreve seu desconforto com a aparência, a magreza e a pobreza, mencionando como a falta de um dente alterava seu modo de sorrir, conversar e a postura diante dos outros. Sua situação melhora significativamente quando os irmãos começam a trabalhar e a contribuir em casa. Ele se forma em Direito na Faculdade de Direito em Recife, porém, sua experiência em abrir um escritório de advocacia não perdura muito, por complicações financeiras.

Nessa mesma época ele conhece sua esposa, Elza Maia Costa de Oliveira², que é professora de Primário. Eles viveram 42 anos juntos e tiveram 5 filhos. Elza faleceu em 1986, dois anos depois ele se casa com Ana Maria de Araújo³, que era filha do diretor da escola Osvaldo Cruz, que ele frequentou na juventude.

Nesse seguimento, ele adentra no mundo da docência trabalhando durante oito anos no Sesi-PE, onde aprendeu muito sobre a classe trabalhadora, uma classe oprimida, entende como esses trabalhadores viviam e entendia o mundo ao seu redor. Ele comenta que aprendeu uma lição, em pensar continuamente sobre sua prática.

2. Elza Maia é a primeira esposa de Paulo Freire, nascida em 1921 e viveu até 1986, nasceu no estado de Pernambuco, foi uma das pioneiras na Arte-Educação no Brasil. Em seus 42 anos de casada deixou suas retribuições na vida do autor e mais 5 filhos.

3. Ana Maria de Araújo, a segunda esposa do autor, também viúva e, portanto, assim como Paulo Freire, seria seu segundo casamento, é filha do dono da escola em que o autor frequentou durante sua formação. Ela tornou-se fonte de inspiração para as novas obras, e até o presente momento, mesmo após a morte do marido, ela continua dando continuidade às suas obras e legado, pois o mesmo deixou em vida essa autorização como um dos seus últimos pedidos.

Nos anos 1960 ele passa a ter contato com o movimento da cultura popular, suas festas, música, religião, tudo que o representava. Naquele momento, inicia-se um processo de reflexão sobre a injustiça que permeava os brasileiros. Segundo o autor, “O empenho com que nos entregávamos à luta democrática em defesa dos direitos humanos e a nossa confiança numa educação progressista” (Freire, 2013, p. 185).

Em 1959, a sua tese “Educação e atualidades brasileiras”, que foi uma exigência como parte de um concurso da Universidade de Recife, para a cadeira de Belas Artes, deu-lhe um título de doutor. Ele não assumiu a vaga desse concurso, por não ter passado em primeiro lugar, mas foi nomeado como professor de Ensino Superior da cadeira de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Recife.

Nessa universidade, ele foi um dos fundadores do Serviço de Extensão Cultural, que possibilitou a criação de suas primeiras ações sobre o sistema de alfabetização de adultos, as quais passam a ser conhecidas mundialmente pela sua experiência em Angicos, no Rio Grande no Norte.

Em Angicos, com seu método, ele alfabetizou 300 homens e mulheres em 45 dias. Esse feito fez com que ele fosse convidado a liderar um programa denominado de Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, projeto interrompido pela Ditadura Militar em 1964. Nesse período ele foi exilado, primeiro para a Bolívia, depois Chile, país que ele fez história, nomeado como consultor pela Unesco, foi diretor do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e atuou no Ministério de Educação, onde alfabetizou adultos.

Não podemos esquecer que aqui no Brasil ele foi preso antes do exílio, passou um tempo refletindo dentro da prisão, sobre os opressores que não queriam que seu projeto de alfabetização fosse para frente.

Não era pequeno, era um projeto de estratégia nacional de educação para o Brasil, um projeto que visa o oprimido, que é até hoje a grande massa popular, em torná-los libertos e emancipados. Por meio do letramento, Paulo Freire queria descolonizar seu povo, e por esse mesmo projeto naquele tempo foi perseguido e exilado, pois os opressores o viram como uma grande ameaça que ia mudar a história e destronar os opressores.

II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS DE 1958

Interessante que em 1958 ocorreu o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, que tinha como objetivo levantar dados concretos a respeito das condições que estavam sendo ofertadas essa educação e, posteriormente, discutir soluções para melhorar a proposta.

Precisamos conhecer um pouco da história da educação do Brasil para poder fazer analogias em fenômenos que aconteciam antes, durante e a após Paulo Freire, só assim se constrói a capacidade de entender o que significa destronar os opressores, emancipar os oprimidos e descolonizar uma nação.

Dando continuidade à análise desse congresso, a primeira sessão inicia falando da história da educação. Iremos, dessa forma, discorrer sobre o documento para analisarmos o período de exílio de Pulo Freire e os Mitos da Epistemologia no Brasil que encobriam a verdade. Nesse sentido, a análise histórica da evolução se dá em três tópicos: Período Colonial, Império e República.

No Período Colonial, em 1549, os jesuítas iniciam a educação no Brasil com o intuito de civilizarem os bárbaros, ou índios, introduzindo depois o português e latim, surgindo os primeiros bacharéis em 1571. Em 1759 Marques de Pombal expulsa os jesuítas e muda a proposta de ensino, a qual tinha a educação financiada pelo Estado, por meio da cobrança de impostos. Esse governo foi marcado pela diminuição da frequência, da quantidade, e da qualidade de ensino, já que havia uma intenção em manter o povo analfabeto para ser melhor controlado. Em vista disso, nessa época, apenas a nobreza é quem realmente tinha acesso à educação.

Já no Império, o objetivo era o trabalho braçal, a escravidão dos sujeitos, a única exigência era que o povo extraísse pau-brasil, cana de açúcar e outros. No início, só quem tinha acesso à educação eram os nobres donos das terras, visto que os mestiços eram trabalhadores que serviam à nobreza, sem acesso à educação. Ou seja, uma minoria sendo privilegiada enquanto a maioria da população era escravizada em função da nobreza.

Posteriormente, o governo decreta leis para garantir a educação, porém, não houve incentivos, e os governantes se dirigiram ao governo informando que a maioria das pessoas, índios e escravos, não tinham acesso à educação, fechando em 85% da população analfabeta.

Na República, em 1891, o plano de ensino se dividia em dois, no qual o governo central ficava responsável em ofertar a educação para o Ensino Secundário e o Ensino Superior, já os governos estaduais ficavam com o Primário e Técnico-Profissional. Muitos estados criaram Supletivos, escolas noturnas para alfabetizarem os adultos. Os militares, nesse período, também contribuíram com a alfabetização de soldados, dando noções básicas de Geografia, com o objetivo de devolver à sociedade pessoas que podiam contribuir.

Em 1947, logo após a criação do Ministério da Educação e Saúde, houve um avanço significativo do número de professores, escolas e alunos. Vejamos a seguir a tabela 1, que melhor expressa de maneira quantitativa essa análise sobre o objeto, que seria a melhora na educação dessa época.

Ano	1946	1947
Unidades escolares	2.077	11.945
Professores	3.956	14.141
Matrículas	164.487	606.996

Tabela 1 – Dados sobre o avanço da educação entre 1946-1947

Fonte: D’Affonseca (1958, p. 13).

O governo federal e a educação têm orientação filosófica, em que o plano deve se basear na solidariedade e liberdade. Também orientada com política na qual só podia votar quem fosse alfabetizado, o povo escolhia quem o representava, mas apenas 50% fazia isso porque a outra metade não sabia votar. E, por último, a orientação financeira, em que o governo federal nunca aplicava menos de 10%, e os municipais nunca menos de 20% em educação.

Um exemplo seria a orientação técnica, que se baseava em mobilizar todas as áreas de comunicação para promover a educação. Assim, mobilizava-se cinema, televisão, teatro e rádio para divulgarem a instituição Siera (Sistema de Rádio Educativo Nacional), que evidenciou como podem ser colocados os serviços da comunicação, dos objetivos da campanha para a educação de jovens adultos.

Já a orientação didática fala de uma educação voltada para as necessidades do povo, respeitando todos os gêneros, com material não sendo único para todo o país, mas atendendo às características próprias de cada região, às necessidades de formação profissional, além das revisões dos materiais de apoio.

Nessa perspectiva, desde 1958 o documento já apresenta propostas voltadas para a educação, entretanto, o que aconteceu? O que aconteceu que até hoje o analfabetismo de adultos não erradicou no País?

As medidas são as mesmas, e ainda não são cumpridas de fato, como incentivo para alimentação, verbas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), associações de bairros, materiais que sejam de acordo com a realidade de cada região, divulgação utilizando os meios de comunicação para incentivar a população a se matricular e completar o ciclo da Educação Básica e assim alcançarmos um nível de cidadãos profissionalmente capacitados e instruídos.

Uma das recomendações que o documento cita é que o material didático seja produzido de acordo com cada região, com cada especificidade, adequada para as necessidades de cada uma, no entanto, percebe-se que até hoje, muitas vezes nem material tem, quanto mais que sejam adaptados às necessidades das regiões.

E isso se estende à educação regular, pois essa recomendação é útil desde a educação infantil até a de jovens e adultos, sem esquecer dos deficientes, negros, ribeirinhos, povos originários e todos que são a massa popular oprimida do país, os quais deveriam ter os mesmos direitos e acesso à educação de qualidade.

Naquele momento estavam discutindo as necessidades que deveriam ser o ponto de partida para o método e cartilhas criadas para esse público adulto. Mas, por ser algo novo na época, ainda se utilizavam coisas infantis com os adultos. Além disso, também observaram que era preciso investir em formação de professores para atender a esse público específico. Todavia, a questão é que até hoje somos carentes de materiais e formação de professores de qualidade.

Nesse sentido, esse documento nos faz pensar exatamente sobre o motivo que levou o país a exilar Paulo Freire, que se preocupava em atender a todas essas demandas, e ainda mais que isso, transcender a educação na vida dos oprimidos dessa época, no caso a educação de adultos.

Se o governo escreveu em seus decretos e projetos de lei que queria a educação de qualidade para os adultos, porque então expulsou quem estava dando resultados? Fica essa reflexão para construirmos posteriormente a resposta para esse questionamento.

A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

A partir de agora iremos conhecer e descrever o que significa para Paulo Freire um ser oprimido. Sua obra “Pedagogia do Oprimido” é o resultado de cinco anos de exílio, que aconteceu em uma época em que o Brasil, seu país de origem, vivia uma ditadura militar, que iniciou em 1º de abril de 1964, ano de exílio do autor, e acabou em 1985. Esse período de governo ditador se deu com comandantes militares sucessivamente.

Nessa direção, agora que já sabemos sua história, seu interesse em alfabetizar os adultos, e que no documento do Congresso Nacional ficou claro que havia uma necessidade em resolver esse problema, evidencia-se nossa reflexão sobre até hoje a educação continuar sendo um problema, que nos leva a essa classe de trabalhadores, esquecidos, grande massa popular, povos indígenas, negros, mulheres, o povo brasileiro que precisa se descolonizar, enfim, os oprimidos.

Paulo Freire inicia esse livro com as seguintes expressões “medo da liberdade”, “o perigo da conscientização”, “a consciência crítica” (Freire, 1994, primeiras palavras), que é pura filosofia, que podemos apreciar em outros livros de filosofia como o livro “1492: O encobrimento do outro”, em que Enrique Dussel (1993) também fala dessa questão com certa profundidade.

O medo dessa liberdade é resultado de uma dialética domesticável, de opressão desde a época dos colonizadores, que nos educaram para aceitar e temer o sistema. É esse medo que impede o povo de se libertar, deixar de ser massa de manobra nas mãos do governo, e como o autor dizia, de ser sujeito da sua história ao invés de objeto (Freire, 1994).

Já o perigo do povo se conscientizar e alcançar a consciência crítica é justamente o povo se impor, fazer-se presente na política, na saúde, nas escolhas de seus representantes, nas leis que regem sua comunidade, seus direitos e deveres, isso é uma teoria que faz com que esses opressores temam sua concretização porque seria a queda do seu poder, uma revolução.

Ele adverte que não quer que o radical se torne um “doce objeto de dominação”, não é isso, pois então passaria a acontecer o que posteriormente explica no livro sobre o oprimido passar a ser o opressor (Freire, 1994), e isso devemos nos vigiar constantemente para não reproduzirmos esse comportamento.

Quando ele fala que “educação é um ato de humanizar”, estamos falando desde os direitos básicos como alimentação, saúde, e segurança, mas também de uma educação que quando os torna críticos possibilita a garantia desses direitos básicos, então esses serão humanizados porque não serão mais dominados como seres domesticáveis, mas livres para assumirem posições firmes perante suas existências.

Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. [...] Não pode jamais entender esta “generosidade” que a verdadeira generosidade está em lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor (Freire, 1994, p. 20).

Quando ele fala ambos, ele fala tanto do opressor quanto do oprimido, pois ambos são utilizados como massa de manobra para que o sistema continue dando certo, onde pobre continua pobre, rico continua rico e no poder, desse modo, apenas quando o povo alcançar a consciência crítica é que será livre da opressão.

Quando menciona os ‘falsos generosos’, ele fala do cuidado que devemos ter com os nossos representantes, que se disfarçam de generosos para ganharem nossa confiança e continuarem enganando o povo. Isso só acontece porque eles nos condicionam em tudo, usando as mídias para propagarem falsas informações, utilizando métodos de educação ou materiais didáticos que fracassam no quesito de letramento e visão de mundo, porque somos estúpidos, como explica o Mito da Caverna, de Platão⁴, e a Teoria da Estupidez⁵ das grandes massas, de Bonhoeffer.

Quando refletimos sobre essas duas teorias entendemos quem são os oprimidos, os opressores, os que eram oprimidos e passaram a ser opressores, mas o mais importante é identificar nossa estupidez, que nos leva a ser dominados ou dominantes, e buscar estar em constante reflexão para sermos libertos e críticos.

O mito de Platão nos explica, por meio de um conto, que muitas vezes nossa realidade sobre nossa visão de mundo é deturpada, ela é distorcida, para que não saibamos a verdade e assim possamos ser dominados pelos falsos generosos, que nos exploram e nos escravizam sem que a gente perceba.

Nessa perspectiva, quando buscamos o conhecimento e transcendemos nossa visão de mundo tudo muda, e muitas vezes os poucos que conseguem ter acesso ao mundo real querem compartilhar com os demais para que haja mudança, mas os ‘estúpidos’ nem sempre entenderão, visto que teriam que passar pelo mesmo processo de descolonização.

4. “O Mito da Caverna é uma alegoria retirada de “A República”, de Platão, que fala sobre o conhecimento verdadeiro e o governo político” (Porfírio, 2024).

5. “A teoria da estupidez destaca a incapacidade de persuadir pessoas assim, imunes a razões. Não é apenas falta intelectual, mas uma tendência em certos contextos. Surge sob poder crescente, privando indivíduos de independência, tornando-os manipuláveis. Libertação, não instrução, é a chave para superá-la. Essa teoria oferece consolo, afirmando que a maioria não é estúpida em todas as circunstâncias; depende do poder esperar mais da estupidez do que da sabedoria das pessoas” (Bodart, 2023).

Desse modo, os que estavam na caverna, de acordo com Platão, eram estúpidos por terem uma visão distorcida da realidade ao seu redor. Todavia, quando um deles sai, descobre a verdade, e quando esse retorna não é compreendido e passa a ser confundido com um opressor, por ser diferente dos que estão acostumados, dos que têm “medo da liberdade” como falamos no início, medo por causa dos mitos que já existem em suas mentes desde a infância.

Agora, a Teoria da Estupidez das grandes massas é sobre nossa realidade de brasileiros, porque as pessoas se encantam com os discursos que falsos generosos propagam para ganharem votos e se manterem no poder. É preciso enxergar os tipos de estupidez da nossa parte para que sejamos libertos desse mal.

O primeiro tipo é o distraído, a pessoa que procrastina, um exemplo seria a fala de uma pessoa que vai estudar, mas no fundo não vai fazer nenhum esforço para estudar, então, tudo que ocorrer ao seu redor ele não participa ativamente por falta de interesse. O segundo, é a pessoa que não tem controle emocional, fica irritada facilmente e não consegue dialogar. Ela nos lembra os fascistas que resolvem tudo na violência, impedindo um diálogo saudável para alcançar a verdade ao seu redor e, por isso, também são facilmente persuadidos pelos falsos generosos, com discursos intrinsecamente fascista que esse tipo de estúpido apoia como método de vida.

E, ainda, existe o terceiro, o que possui muita autoconfiança, que se julga saber muito. Devido à sua arrogância e intolerância em aprender constantemente pode ser enganado, pois o sistema utiliza dessa vaidade para entretê-lo com falsas promessas de melhoras para alcançar um plano maior de opressão do povo, e como a vaidade lhe basta, impede de estar em constante vigilância sobre a epistemologia e acaba sendo enganado.

Portanto, é necessário deixar a procrastinação de lado e buscar o conhecimento, alcançando a consciência crítica. É essencial ter controle emocional para não nos tornarmos opressores e estarmos sempre vigilantes contra a vaidade que nos faz acreditar que sabemos de tudo. Devemos evitar sermos enganados por nossa própria arrogância e manter a humildade para continuar aprendendo com os outros constantemente.

Em vista disso, essas teorias nos fazem enxergar o que significa ser oprimido, ser massa de manobra, nos tornarmos opressores, mas, acima de tudo, essas teorias nos mostram um caminho para ajudar nesse processo de descolonização e de libertação.

Nesse caminho, segundo Paulo Freire:

Ainda que não queiramos antecipar-nos, poderemos, contudo, afirmar que em um primeiro aspecto desta indagação se encontra na distinção entre educação sistemática, a que só pode ser mudada com o poder, e os trabalhos educativos, que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização (Freire, 1994, p. 26-27).

Ou seja, é por meio da educação que poderemos empoderar o povo, dar-lhe conhecimento para alcançar uma razão crítica e, dessa forma, intervir politicamente em sua comunidade. São as produções acadêmicas que podem provocar temas que discutem políticas públicas relevantes para o nosso povo, essas ações é que irão gerar uma nova perspectiva sobre educação, que é o legado de Paulo Freire, essa perspectiva traz a visão real de mundo, isso é dar poder para o povo, educação é poder.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (Freire, 1994, p. 27).

Os dois momentos explicam que o caminho é alfabetizar de maneira letrada para mudar a visão de mundo do aluno, uma vez que sua realidade passa a ser autônoma, ele se liberta e vive em constância vigilância para permanecer livre.

Quando o povo se liberta dos mitos surge a transformação revolucionária, esses mitos é o nome que se dá para todas as alterações, todas as histórias deturpadas que criam em nossas mentes, visto que enxergamos a intenção por trás disso, de nos enganar e explorar. Logo, o povo passa pela transformação revolucionária.

Na obra “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire explica a situação concreta de opressores e oprimidos da seguinte maneira:

Tudo que tira o poder de oprimir do opressor passa a ser uma ameaça, porque o fato de não ter mais poder é uma opressão para eles. Dividir o pão não existe, para eles tudo que importa é que continuem ricos e poderosos, mesmo que para isso custe a vida dos outros, para eles o que importa é apenas as riquezas deles (Freire, 1994).

Por isso são falsas as suas intenções generosas, é preciso ter perspicácia e malícia para enxergar essa verdade, “O sadismo aparece, assim, como uma das características da consciência opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida” (Freire, 1994, p. 26).

Significa que o opressor sente prazer e motivação em oprimir, explorar, escravizar em favor de seu bem-estar e riquezas. Uma vez que ele destrói vidas, escraviza e explora, ele consome, mata a vida ao seu redor para se manter rico e opressor. Pode até parecer pesada essa fala de ‘necrófilo’, mas quem já viu alguém morrer de fome ou por falta de assistência médica sabe que é real a ‘necrofilia’ em sua volta.

Quem compactua com a opressão está destruindo o mundo ao seu redor! O opressor não tem piedade e se sente ameaçado quando tentam tirar seu poder. Por isso, eles sempre trabalham para manter o povo escravo e dependente. Assim nasce o sentimento de opressão, pois confundimos suas intenções com caridade.

Muitas vezes os oprimidos acreditam em ‘mitos’ como o destino, fardo, ou até mesmo Deus, pela culpa de ter uma vida difícil e pobre. Eles não percebem que isso é proposital desde a colonização, para que todos acreditem nesses ‘mitos’ e sejam conformados com a visão distorcida da sua real situação. Em seguida, vem um outro tipo de oprimido que são aqueles que se apaixonam pelo seu opressor, admiram seu estilo de vida, e querem imitar ou reproduzir suas ações. Esse tipo de oprimido são os chamados de ‘classe média’, já que esses sonham com o dia em que serão como os opressores e ricos.

No meio da educação existem os oprimidos que chegam a pedir desculpas por expressarem para o professor o que pensam, um exemplo das falas mais comuns presentes entre discentes são:

- O senhor tem razão, porque o senhor é quem sabe de tudo, e nós não sabemos de nada!

Chegam a se despreverem pior que os animais, pois alegam que os animais possuem mais liberdade que eles. É preciso que o oprimido perceba, tenha essa percepção de opressão, identifique ao seu redor quem são os opressores, que ele enxergue em que momento ele está sendo oprimido, em que ações ele permite que isso aconteça.

Quando Freire (1994, p. 33) diz que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho”, quer dizer que é por meio do diálogo crítico que ele consegue se libertar e ajudar o outro a se libertar também. É por meio de ações políticas ou ações culturais que aos poucos iremos comover toda essa grande massa para se emancipar.

Nesse seguimento,

O caminho, por isto mesmo, para um trabalho de libertação a ser realizado pela liderança revolucionário não é a “propaganda libertadora”. Não está no mero ato de “depositar” a crença da liberdade nos oprimidos, pensando em conquistar a sua confiança, mas no dialogar com eles (Freire, 1994, p. 30).

Não existe a ideia de reproduzir o que os opressores já fazem como a propaganda, ou apenas em promessas de liberdade, mas está no ato de valorizar o diálogo, valorizar sua experiência de vida e a partir dela transcender sua visão de mundo para se tornar mais independente.

A concepção bancária na educação na obra “Pedagogia do Oprimido” critica esse modelo, que se resume no educador sendo quem apenas narra e deposita seus conhecimentos no depósito que será o aluno, significa que o professor é o único detentor de conhecimento e poder de fala.

O autor é contra isso, ele prega acima de tudo a humildade do profissional da educação, o respeito com o conhecimento do educando, e propõe que a educação seja horizontal, ou seja, que tanto educador e educando troquem conhecimento e construam juntos os saberes.

O bom educador utiliza a problematização para chamar a atenção de seus alunos, depois, parte para a investigação dessa busca de resolução dos problemas e proporcionar aos alunos condições ou conhecimentos empíricos suficientes para dar suporte e, assim, junto com o aluno alcançar a inserção crítica da realidade. Essa ação faz com que os alunos tenham uma visão real de mundo, e se enxerguem parte disso, e agora tenham condições de buscarem transcender suas existências e se tornarem sujeitos das suas histórias.

Uma vez que a problematização se faz presente, naturalmente surgem os “Temas Geradores”, e são os discentes quem primeiramente codificam o conhecimento desses temas, ou seja, o que significa, e posteriormente descodificam, reconstróem seu significado, agora com uma visão crítica sobre o objeto de estudo.

Esses temas se iniciam pelos “particulares”, aquilo que os educandos já conhecem, os seus conhecimentos prévios, para só depois virem os temas universais, que não apenas abordam os conteúdos programáticos como também descodificam para poder dar um novo sentido para esse mesmo objeto de estudo. Conduzindo à abstração com a percepção crítica do concreto, descodificar para o autor seria “descrição da situação”.

Para finalizar as observações da obra “Pedagogia do Oprimido”, percebemos que apesar de desde as primeiras reformas educacionais, congressos de educação, tudo no papel está muito bem alinhado, contudo, agora lendo essa obra está provado que a verdadeira intenção desses falsos generosos é nos manter oprimidos, e uma vez que os oprimidos têm a oportunidade de deixarem de ser massa de manobra, tornam-se uma ameaça para o opressor, já que o opressor quer permanecer em seu poder.

Isso explica por que Paulo Freire foi exilado e por que houve grande resistência em aplicar e reconhecer seus métodos. Ele tinha um plano nacional de educação que revolucionaria a nação, promovendo a descolonização e ajudando o povo a deixar de ser oprimido. Quando a força desse povo se manifestasse, os opressores poderiam perder sua fonte de poder e riqueza.

A OBRA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DÁ ORIGEM À PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Agora vamos seguir a linha de raciocínio pedagógico fazendo um estudo da próxima obra: “Pedagogia da Autonomia”, visto que já sabemos quem são os oprimidos, e agora precisamos dar autonomia para esses indivíduos, e esse livro usa a educação, a formação de professores para orientar e conduzir esses educandos a alcançarem sua autonomia.

Impossível não ser um professor progressista e crítico ao adotar Freire, pois Freire defende que o professor deve aprender junto com o aluno, estar aberto e flexível, repensando e construindo o conhecimento junto de seu discente. A beleza a que se refere significa ensinar às margens do que seria ético, ter cuidado em pesquisar, um compromisso em levantar conhecimento, revisar, e estar aberto a mudanças. Pensar corretamente junto com a ética, pois educar é um substantivo de formar pessoas em sua totalidade (Freire, 2019).

A formação do professor deve ser crítica sobre sua prática, refletindo continuamente sobre seu fazer e repensando suas metodologias e didáticas para cada público que atende. É fundamental que o professor se atualize e se mantenha em constante formação. Ao considerar a formação do docente, é crucial entender que sua função não é apenas transferir informações prontas, mas sim construir com o aluno esse saber, fornecendo ferramentas e incentivando o discente a buscar esse entendimento. A crítica deve ser uma extensão desse saber; é necessário ter uma base prévia e, em seguida, questioná-la. Só assim se transcende a epistemologia acadêmica dos currículos aplicados.

O ser humano está em constante mutação, evoluindo pela ética e necessidades, com a responsabilidade de fazer escolhas. Ao contrário de outras espécies, que não têm opções e não se preocupam com questões éticas, devemos nos reconhecer como parte da sociedade e nos posicionar politicamente de forma esperançosa. Assim, daremos sentido à nossa existência, contribuindo para a obra inacabada da humanidade. Não devemos nos conformar em ser seres condicionados ou acabados, mas nos ver como seres em construção, desejando ser sujeitos ativos e críticos de nossa história e existência (Freire, 2019).

O professor deve respeitar e valorizar a curiosidade, a crítica e a inquietação de seus alunos, evitando a arrogância e os preconceitos para não cair na hipocrisia ou soberba. Professores e alunos estão sempre aprendendo uns com os outros, já que o conhecimento está em constante movimento, e nada na educação é estático. O bom senso deve nortear as práticas do professor, que deve sempre avaliar o seu profissionalismo. Não se deve confundir autoridade com autoritarismo, nem licença com liberdade, pois o bom senso é fruto da ética.

Nesse sentido, a obra “Pedagogia da Autonomia” nos apresenta o sonho de superar a situação desumana em que vivemos. O cerne desse saber é que “mudar é difícil, mas é possível” (Freire, 2019, p. 31). Danilson⁶, no livro, discorre sobre nossas ações político-pedagógicas como ações transformadoras, não apenas em um programa de alfabetização, mas na formação humana integral. Ele enfatiza a importância de expulsar o opressor de dentro do oprimido, ou seja, substituir por autonomia, emancipação e cidadania.

Desse modo, para superar a opressão, é necessário descolonizar inteiramente uma nação, reescrevendo sua história de dentro para fora. Isso significa começar a partir de sua cultura e origem, construindo uma nova ordem que não siga o caminho inverso imposto pelo colonizador. Em vez de seguir a lógica do opressor sobre o oprimido, é preciso estabelecer uma narrativa genuína e autêntica de emancipação.

6. Educador popular de Olinda (PE), o qual na obra Paulo Freire relata em sua “Pedagogia da autonomia”, um momento em que eles caminhavam pelas ruas dessa cidade, em lugares de miséria, e se questionavam sobre como poderiam mudar essa situação por meio da educação (Freire, 2019).

A curiosidade deve ser a premissa, a base do professor pesquisador. Mas também ela deve servir em uma via de mão dupla, ou seja, com os alunos o docente deve estar aberto às suas curiosidades. O bom professor consegue se aproveitar da curiosidade para atrair o aluno ao conhecimento ou objeto de estudo, que ele tem a intenção de propor. Uma vez satisfeita a curiosidade, o aluno continuará em constante inquietude, buscando sempre mais e adquirindo uma consciência transitiva ou crítica. O processo de emancipação será dinâmico, permitindo o crescimento acadêmico e técnico dos cidadãos, tornando-os seres assertivos e sujeitos de sua própria história.

Docência democrática é quando o aluno se expressa livremente, com segurança, sem repressão. E isso é voltado diretamente para o docente, pois ele é quem conduz o pensamento, ele é quem abre o caminho da epistemologia dos acadêmicos, uma vez que esse docente também já foi aluno e sabe como é estar no lugar de aluno.

É importante destacar que a moral do professor, a autoridade do professor é construída em cima da sua competência, do seu preparo, do nível de conhecimento e capacidade de transmiti-lo. Se for um profissional incompetente, logo será desqualificada a sua autoridade de professor, então, cuidado, estejamos todos em constante formação.

Não tem como se esquivar do comprometimento, do envolvimento, e por isso devemos ter a preocupação de viver o que falamos, de ser o que realmente parecemos ser, ser omissos e não fazer a diferença implica em continuar na mesmice, sem evoluir, e passando para as futuras gerações os mesmos problemas como podemos perceber desde os primeiros congressos de educação, desde o início da história do Brasil.

Docência tem que ser uma espécie de testemunho, em que os alunos são como discípulos que estão aprendendo com o professor sobre senso de justiça, ética, sabedoria, visto que esse professor é uma referência, e ser referência exige trabalho contínuo. No momento em que se ensina, e se compreende o mundo, estaremos desmascarando a ideologia dominante, pois alunos emancipados, críticos, não serão ignorantes ou alheios à imposição dessa classe dominante. Assim, o caminho a ser seguido em sala de aula pelos docentes deve ser fruto de uma decisão consciente, pois a educação é um ato político. É essencial ter cuidado com as ações político-pedagógicas para não desvalorizar a educação. Precisamos de uma educação politizada, apropriando-nos da educabilidade.

A educação não pode ser neutra, a não ser que houvesse discordância, ou seja, liberdade, já que ainda não fomos libertos naturalmente, a educação não é neutra, ela é proposital para atender à classe dominante. Quando me nego a ir de encontro com a opressão, significa que estou aceitando o opressor, sendo conivente. Portanto, podemos continuar sendo oprimidos, passar a ser o opressor ou finalmente lutar para que haja mudança e liberdade para todos.

Nessa perspectiva, Paulo Freire adverte, “Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante”, (Freire, 2019, p. 43). Dessa maneira, deve-se ter humildade como método de emancipar o povo, e ao mesmo tempo afirmando que educar não é um processo de responsabilidade apenas do professor. É preciso ter cuidado para não se tornar o opressor ou produtor de ideologias que reprimam o povo.

Vale destacar, que o docente ao escutar seu aluno, aprende uma lição sobre avaliar seu discurso e refazê-lo se necessário. É importante ter a noção de que, ao falar, abre-se a possibilidade de quem escuta responder, e, por isso, deve-se ter cuidado com o que se fala. Nenhuma transformação social pode ocorrer fora dos homens e mulheres de todas as classes e povos, são eles que constroem a ética e a moral, tomam decisões e assumem responsabilidades. Isso é a base da ideologia, e a educação deve caminhar junto com ela.

É preciso estar atento e cuidadoso, pois a ideologia tem um poder de persuasão enorme, capaz de nos distrair e afastar dos fatos e das verdades relevantes. Falsos generosos e promessas que inicialmente parecem solucionar nossos problemas na verdade apenas prendem nossa atenção, mantendo-nos dentro do sistema capitalista e colonizador.

Nessa direção, entende-se que ensinar envolve amor e alegria, visto que estamos falando de humanidade. Como defende Vygotsky (1934), a formação da criança, ou humano, se dá em uma relação direta entre o sujeito e a sociedade entre nós, portanto, tenhamos uma relação amorosa com nossos alunos, pois estamos humanizando o nosso futuro.

Nesse sentido, é essencial construir práticas educativas baseadas no respeito e nas relações humanas. Para ter êxito profissional à maneira freiriana, devemos valorizar o conhecimento e o espaço do aluno, permitindo sua expressão, e valorizando sua cultura e conhecimento prévio. Assim, é possível rever e adaptar as práticas de ensino de acordo com a realidade dos alunos naquele momento.

Muitas vezes a boa vontade, o amor pelo ensino, a dedicação ética do compromisso, confunde-se com a palavra vocação. E isso é um julgamento que a sociedade deve mudar, refletir, pois não deveríamos sobrecarregar ou diminuir o esforço do professor em apenas uma palavra - vocação! Por isso, façamos parte da formação dos nossos filhos, vamos reivindicar por melhores condições de trabalho para o professor e melhores condições de ensino para os alunos, isso, não apenas para a profissão de docência, mas que todas as profissões não sejam apenas por vocação, sejam completas dentro da sua área para darem o melhor para a nossa sociedade.

Dando um fim à análise dessa obra, percebemos que o autor se completa em cada obra escrita, pois agora descobrimos a chave para mudar a educação, para dar um novo sentido na vida dos brasileiros, de tornar todos de fato e de direito cidadãos críticos.

AS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO BRASIL DENTRO DO LIVRO EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA FREIRIANA

Em um livro do acervo do Centro de Referência de Paulo Freire chamado de **“Educação Popular na Perspectiva Freiriana”**, ele nos traz em forma de perguntas os eixos em que devemos nos nortear enquanto educadores e educandos, os quais servem como reflexão tanto para planejar aulas, mas também de condução para a construção dos saberes.

Segundo a obra, são três eixos que norteiam a educação popular:

1. Quais dimensões de transformação visam?
2. De que modo os grupos populares são agentes participativos do processo?
3. Até onde a educação é considerada como instrumento de formação de grupos para mudança social?

Acreditamos que essas questões são fundamentais nas propostas políticas dos nossos representantes, na formação de professores e nas políticas públicas. O objetivo maior deve ser transformar a sociedade, tornando-a melhor, crítica, participativa, composta por sujeitos da história do país e não meros objetos, letrados e emancipados para o mundo.

O objetivo deste livro é reafirmar as contribuições de Paulo Freire no referencial teórico-metodológico no contexto atual. Em um século marcado por novos paradigmas e instrumentos de ação política pedagógica, buscamos respostas para as questões problemáticas levantadas no texto, visando romper com a desigualdade de classes, acabar com o racismo e combater a opressão do sistema político atual.

Nesse entendimento, a obra nos fala que Paulo Freire tinha em mente um “Sistema de Educação”, que se inicia com a alfabetização de jovens e adultos, mas como um requinte de proposta pedagógica política, que ultrapassa as metas da educação permanente, por ser uma educação apenas para o povo, mas como o povo (Assumpção *et al.*, 2009).

A educação popular almeja ser justa, inclusiva e humanizadora, de maneira igual, independente de classe social, gênero, raça ou sistema político, buscando “ensinar a saber”, ou seja, dando autonomia para o povo, tornando-o protagonista da sua história, sujeito do seu aprendizado, é quando tudo faz sentido que se seus indivíduos se tornam independentes.

Em tal contexto, Freire (1994) apresenta a necessidade de transmigração de um modelo de educação que perpassa, no nível da consciência, de uma transitividade ingênua à transitividade crítica, ou seja, seria a Razão crítica da epistemologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar e escrever sobre Paulo Freire implicaria mais profundidade e com mais informações, mas esta pesquisa faz uma reflexão sobre esse educador brasileiro reconhecido no mundo todo e se dirige a todos aqueles que se interessam por esta temática, sempre apresentando novas possibilidades para outros textos.

Sua história é grande e esse texto não contempla tudo, ele é reconhecido em muitos outros países, seus livros foram publicados em várias línguas, recebeu prêmios, fez história não apenas no Brasil, mas em outros países, logo, sua obra é enorme e envolve muitas camadas de conhecimento.

Mas a ideia de pedagogo no tema desse texto se remete à educação, já a filosofia no da grandeza da sua obra e conhecimento epistemológico que ele constrói ao longo dos seus livros e vida pessoal, a ideia principal desse texto é representar o que importa para que haja mudança na vida dos brasileiros, que compreendam a importância de se educar para emancipar, libertar-se e poder mudar para melhor.

Ele tem um método de alfabetizar sim, mas sua maior grandeza está em fazer isso de maneira letrada, de uma maneira que transforma o aluno, que lhe dá a oportunidade de transcender, de tirar o poder do colonizador ou opressor. Por isso ele fala que prefere que não resumam sua obra em apenas um método de alfabetizar, mas que passem por esse conhecimento e o transcendam também, o tornem cada vez melhor.

Paulo Freire deve ser reconhecido como um grande filósofo, pedagogo, teórico e brasileiro, cujas contribuições ainda não receberam a devida atenção e reconhecimento. O desinteresse dominante evita que ele empodere e transforme a sociedade ao nosso redor.

Só temos que agradecer e dar graças a Deus por ter tido um grande herói brasileiro em nossa história, ele de fato representa com honrarias o Brasil. Paulo Freire nos representa como homem, pai de família, classe trabalhadora, pobre, educador, doutor, filósofo, tudo isso e muito mais, sem deixar de ser humilde e nos ensinar tudo com muito amor.

Obrigada, Paulo Freire, por transformar nossa essência para melhor. Agora, cabe a nós, leitores, continuar a espalhar sua obra por todo o país, o máximo que pudermos e da melhor maneira possível, guiados pela ética e pela responsabilidade de melhorar outras vidas.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Raiane *et. al.* **Educação Popular na Perspectiva Freiriana**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

BODART, Cristiano. **Teoria da Estupidez, esclarecedor ponto de vista de Bonhoeffer**. Café com Sociologia, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://rntpincelli.medium.com/a-teoria-da-estupidez-de-que-explica-perfeitamente-o-mundo-a6fd082bf638>. Acesso em: 31 out. 2024.

D’AFFONSECA, Josué Cardoso. **II Congresso Nacional de Educação de Adultos**. Órgão da Associação Brasileira de Educação. 1958.

DUSSEL, Henrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito de modernidade**. Petrópolis/RJ; 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 78. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 88. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1994.

PORFÍRIO, Francisco. **Mito da Caverna**. Brasil Escola, 2024. Disponível em: <https://brasilescuela.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm>. Acesso em: 31 out. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 1934. Disponível em: <https://www.institutoelo.org.br/site/files/publications/5157a7235ffccfd9ca-905e359020c413.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.